

# **Biblioteca Virtualbooks**



## **Mensagem** **FERNANDO** **PESSOA**



**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,  
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:  
**Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

**Sobre os Direitos Autorais:**

Fazemos o possível para certificarmos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: [vbooks03@terra.com.br](mailto:vbooks03@terra.com.br) para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



**[www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br)**

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks  
**Virtual Books Online M&M Editores Ltda.**  
**Rua Benedito Valadares, 429 – centro**  
**35660-000 Pará de Minas - MG**  
Todos os direitos reservados. All rights reserved.



# Mensagem

*Benedictus Dominus Deus noster  
qui dedit nobis signum*

## NOTA PRELIMINAR

O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles.

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é a menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e a Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.

## PRIMEIRA PARTE / *BRASÃO*

### I. OS CAMPOS

#### PRIMEIRO / *OS CASTELOS*

A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.  
O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.  
Fita, com olhar sphyngico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado.  
O rosto com que fita é Portugal.

#### SEGUNDO / *O DAS QUINAS*

Os Deuses vendem quando dão.  
Comprase a glória com desgraça.  
Ai dos felizes, porque são  
Só o que passa!  
Baste a quem baste o que Ihe basta  
O bastante de Ihe bastar!  
A vida é breve, a alma é vasta:  
Ter é tardar.  
Foi com desgraça e com vileza  
Que Deus ao Cristo definiu:  
Assim o opôs à Natureza  
E Filho o ungiu.

### II. OS CASTELOS

## PRIMEIRO / ULISSES

O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo -  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.  
Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.  
Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

## SEGUNDO / VIRIATO

Se a alma que sente e faz conhece  
Só porque lembra o que esqueceu,  
Vivemos, raça, porque houvesse  
Memória em nós do instinto teu.  
Nação porque reencarnaste,  
Povo porque ressuscitou  
Ou tu, ou o de que eras a haste -  
Assim se Portugal formou.  
Teu ser é como aquela fria  
Luz que precede a madrugada,  
E é já o ir a haver o dia  
Na antemanhã, confuso nada.

## TERCEIRO / O CONDE D. HENRIOUE

Todo começo é involuntário.  
Deus é o agente.  
O herói a si assiste, vários  
E inconsciente.  
A espada em tuas mãos achada  
Teu olhar desce.  
«Que farei eu com esta espada?»  
Ergueste-a, e fez-se.

QUARTO / *D. TAREJA*

As nações todas são mistérios.  
Cada uma é todo o mundo a sós.  
Ó mãe de reis e avó de impérios,  
Vela por nós!  
Teu seio augusto amamentou  
Com bruta e natural certeza  
O que, imprevisto, Deus fadou.  
Por ele reza!  
Dê tua prece outro destino  
A quem fadou o instinto teu!  
O homem que foi o teu menino  
Envelheceu.  
Mas todo vivo é eterno infante  
Onde estás e não há o dia.  
No antigo seio, vigilante,  
De novo o cria!

QUINTO / *D. AFONSO HENRIQUES*

Pai, foste cavaleiro.  
Hoje a vigília é nossa.  
Dá-nos o exemplo inteiro  
E a tua inteira força!  
Dá, contra a hora em que, errada,  
Novos infiéis vençam,  
A bênção como espada,  
A espada como benção!

SEXTO / *D. DINIS*

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
O plantador de naus a haver,  
E ouve um silêncio múrmuro consigo:  
É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
De Império, ondulam sem se poder ver.  
Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
Busca o oceano por achar;  
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar.

SÉTIMO (I) / *D. JOÃO O PRIMEIRO*

O homem e a hora são um só  
Quando Deus faz e a história é feita.  
O mais é carne, cujo pó  
A terra espreita.  
Mestre, sem o saber, do Templo  
Que Portugal foi feito ser,  
Que houveste a glória e deste o exemplo  
De o defender.  
Teu nome, eleito em sua fama,  
É, na ara da nossa alma interna,  
A que repele, eterna chama,  
A sombra eterna.

SETIMO (II) / *D. FILIPA DE LENCASTRE*

Que enigma havia em teu seio  
Que só génios concebia?  
Que arcanjo teus sonhos veio  
Velar, maternos, um dia?  
Volve a nós teu rosto sério,  
Princesa do Santo Gral,  
Humano ventre do Império,  
Madrinha de Portugal!

III. AS QUINAS

PRIMEIRA / *D. DUARTE, REI DE PORTUGAL*

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.  
A regra de ser Rei almou meu ser,  
Em dia e letra escrupuloso e fundo.  
Firme em minha tristeza, tal vivi.  
Cumprí contra o Destino o meu dever.  
Inutilmente? Não, porque o cumprí.

SEGUNDA / *D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL*

Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça  
A sua santa guerra.  
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,  
As horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.  
Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A fronte com o olhar;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
Dentro em mim a vibrar.  
E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face calma.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma.

*TERCEIRA / D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL*

Claro em pensar, e claro no sentir,  
É claro no querer;  
Indiferente ao que há em conseguir  
Que seja só obter;  
Dúplice dono, sem me dividir,  
De dever e de ser --  
Não me podia a Sorte dar guarida  
Por não ser eu dos seus.  
Assim vivi, assim morri, a vida,  
Calmo sob mudos céus,  
Fiel à palavra dada e à ideia tida.  
Tudo o mais é com Deus!

*QUARTA / D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL*

Não fui alguém. Minha alma estava estreita  
Entre tão grandes almas minhas pares,  
Inutilmente eleita,  
Virgemmente parada;  
Porque é do português, pai de amplos mares,  
Querer, poder só isto:  
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita --  
O todo, ou o seu nada.

*QUINTA / D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL*



Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a Sorte a não dá.  
Não coube em mim minha certeza;  
Por isso onde o areal está

Ficou meu ser que houve, não o que há.  
Minha loucura, outros que me a tomem  
Com o que nela ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?

#### IV. A COROA

*NUN'ÁLVARES PEREIRA*

Que auréola te cerca?  
É a espada que, volteando.  
Faz que o ar alto perca  
Seu azul negro e brando.  
Mas que espada é que, erguida,  
Faz esse halo no céu?  
É Excalibur, a ungida,  
Que o Rei Artur te deu.  
'Sperança consumada,  
S. Portugal em ser,  
Ergue a luz da tua espada  
Para a estrada se ver!

#### V. O TIMBRE

*A CABEÇA DO GRIFO / O INFANTE D. HENRIQUE*

Em seu trono entre o brilho das esferas,  
Com seu manto de noite e solidão,  
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras -  
O único imperador que tem, deveras,  
O globo mundo em sua mão.

*UMA ASA DO GRIFO / D. JOÃO O SEGUNDO*

Braços cruzados, fita além do mar.  
Parece em promontório uma alta serra -  
O limite da terra a dominar  
O mar que possa haver além da terra.  
Seu formidável vulto solitário  
Enche de estar presente o mar e o céu  
E parece temer o mundo vário  
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.

#### *A OUTRA ASA DO GRIFO / AFONSO DE ALBUQUERQUE*

De pé, sobre os países conquistados  
Desce os olhos cansados  
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.  
Não pensa em vida ou morte  
Tão poderoso que não quer o quanto  
Pode, que o querer tanto  
Calcara mais do que o submisso mundo  
Sob o seu passo fundo.  
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.  
Criou-os como quem desdenha.

### **SEGUNDA PARTE / MAR PORTUGUEZ**

#### **I. O INFANTE**

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou, e foste desvendando a espuma,  
E a orla branca foi de ilha em continente,  
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
E viu-se a terra inteira, de repente,  
Surgir, redonda, do azul profundo.  
Quem te sagrou criou-te português.  
Do mar e nós em ti nos deu sinal.  
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

#### **II. HORIZONTE**

O mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mistério,  
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério  
'Splendia sobre as naus da iniciação.  
Linha severa da longínqua costa -  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:  
E, no desembarcar, há aves, flores,  
Onde era só, de longe a abstracta linha  
O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esp'rança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte -  
Os beijos merecidos da Verdade.

### III. PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno.  
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei  
Este padrão ao pé do areal moreno  
E para diante naveguei.  
A alma é divina e a obra é imperfeita.  
Este padrão sinala ao vento e aos céus  
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
O porfazer é só com Deus.  
E ao imenso e possível oceano  
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,  
Que o mar com fim será grego ou romano:  
O mar sem fim é português.  
E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma  
E faz a febre em mim de navegar  
Só encontrará de Deus na eterna calma  
O porto sempre por achar.

### IV. O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu ergueu-se a voar;  
A roda da nau voou três vezes,  
Voou três vezes a chiar,  
E disse: «Quem é que ousou entrar  
Nas minhas cavernas que não desvendo,  
Meus tectos negros do fim do mundo?»  
E o homem do leme disse, tremendo:  
«El-Rei D. João Segundo!»  
«De quem são as velas onde me roço?  
De quem as quilhas que vejo e ouço?»  
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,  
Três vezes rodou imundo e grosso.  
«Quem vem poder o que só eu posso,  
Que moro onde nunca ninguém me visse  
E escorro os medos do mar sem fundo?»

E o homem do leme tremeu, e disse:  
«El-Rei D. João Segundo!»  
Três vezes do leme as mãos ergueu,  
Três vezes ao leme as repreendeu,  
E disse no fim de tremer três vezes:  
«Aqui ao leme sou mais do que eu:  
Sou um povo que quer o mar que é teu;  
E mais que o mostrengo, que me a alma teme  
E roda nas trevas do fim do mundo,  
Manda a vontade, que me ata ao leme,  
De El-Rei D. João Segundo!»

## V. EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,  
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,  
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!  
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

## VI. OS COLOMBOS

Outros haverão de ter  
O que houvermos de perder.  
Outros poderão achar  
O que, no nosso encontrar,

Foi achado, ou não achado,  
Segundo o destino dado.  
Mas o que a eles não toca  
É a Magia que evoca  
O Longe e faz dele história.  
E por isso a sua glória  
É justa auréola dada  
Por uma luz emprestada.

## VII. OCIDENTE

Com duas mãos - o Acto e o Destino -  
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu  
Uma ergue o fecho trémulo e divino  
E a outra afasta o véu.  
Fosse a hora que haver ou a que havia  
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,  
Foi a alma a Ciência e corpo a Ousadia  
Da mão que desvendou.  
Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal  
A mão que ergueu o facho que luziu,  
Foi Deus a alma e o corpo Portugal  
Da mão que o conduziu.

## VIII. FERNÃO DE MAGALHÃES

No vale clareia uma fogueira.  
Uma dança sacode a terra inteira.  
E sombras desformes e descompostas  
Em clarões negros do vale vão  
Subitamente pelas encostas,  
Indo perder-se na escuridão.  
De quem é a dança que a noite aterra?  
São os Titãs, os filhos da Terra,  
Que dançam na morte do marinheiro  
Que quis cingir o materno vulto  
- Cingilo, dos homens, o primeiro -,  
Na praia ao longe por fim sepulto.  
Dançam, nem sabem que a alma ousada  
Do morto ainda comanda a armada,  
Pulso sem corpo ao leme a guiar  
As naus no resto do fim do espaço:

Que até ausente soube cercar  
A terra inteira com seu abraço.  
Violou a Terra. Mas eles não  
O sabem, e dançam na solidão;  
E sombras desformes e descompostas,  
Indo perder-se nos horizontes,  
Galgam do vale pelas encostas  
Dos mudos montes.

#### IX. ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra  
Suspendem de repente o ódio da sua guerra  
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus  
Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,  
Primeiro um movimento e depois um assombro.  
Ladeiamo, ao durar, os medos, ombro a ombro,  
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.  
Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta  
Cailhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões,  
O céu abrir o abismo à alma do Argonauta.

#### X. MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!  
Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

#### XI. A ÚLTIMA NAU

Levando a bordo ElRei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ânsia e de presago  
Mistério.  
Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,  
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro  
E breve.  
Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não tem tempo ou 'spaço,  
Vejo entre a cerração teu vulto baço  
Que torna.  
Não sei a hora, mas sei que há a hora,  
Demorea Deus, chame-lhe a alma embora  
Mistério.  
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:  
A mesma, e trazes o pendão ainda  
Do Império.

## XII. PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.  
Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda há vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.  
Dá o sopro, a aragem --ou desgraça ou ânsia--  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistaremos a Distância --  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

## TERCEIRA PARTE / O ENCOBERTO

## I. OS SÍMBOLOS

### PRIMEIRO / *D. SEBASTIÃO*

'Sperai! Cai no areal e na hora adversa  
Que Deus concede aos seus  
Para o intervalo em que esteja a alma imersa  
Em sonhos que são Deus.  
Que importa o areal e a morte e a desventura  
Se com Deus me guardei?  
É O que eu me sonhei que eterno dura  
É Esse que regressarei.

### SEGUNDO / *O QUINTO IMPÉRIO*

Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho, no erguer de asa  
Faça até mais rubra a brasa  
Da lareira a abandonar!  
Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura.  
Nada na alma lhe diz  
Mais que a lição da raiz  
Ter por vida a sepultura.  
Eras sobre eras se somem  
No tempo que em eras vem.  
Ser descontente é ser homem.  
Que as forças cegas se domem  
Pela visão que a alma tem!  
E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erna noite começou.  
Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa-- os quatro se vão  
Para onde vai toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?

### TERCEIRO / *O DESEJADO*



Onde quer que, entre sombras e dizeres,  
Jazas, remoto, sentete sonhado,  
E ergue-te do fundo de não seres  
Para teu novo fado!  
Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,  
Mas já no auge da suprema prova,  
A alma penitente do teu povo  
À Eucaristia Nova.  
Mestre da Paz, ergue teu gládio ungido,  
Excalibur do Fim, em jeito tal  
Que sua Luz ao mundo dividido  
Revele o Santo Gral!

#### QUARTO / AS ILHAS AFORTUNADAS

Que voz vem no som das ondas  
Que não é a voz do mar?  
E a voz de alguém que nos fala,  
Mas que, se escutarmos, cala,  
Por ter havido escutar.  
E só se, meio dormindo,  
Sem saber de ouvir ouvimos  
Que ela nos diz a esperança  
A que, como uma criança  
Dormente, a dormir sorrimos.  
São ilhas afortunadas  
São terras sem ter lugar,  
Onde o Rei mora esperando.  
Mas, se vamos despertando  
Cala a voz. e há só o mar.

#### QUINTO / O ENCOBERTO

Que símbolo fecundo  
Vem na aurora ansiosa?  
Na Cruz Morta do Mundo  
A Vida, que é a Rosa.  
Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?  
Na Cruz, que é o Destino,  
A Rosa que é o Cristo.  
Que símbolo final  
Mostra o sol já desperto?

Na Cruz morta e fatal  
A Rosa do Encoberto.

## II. OS AVISOS

### PRIMEIRO / *O BANDARRA*

Sonhava, anónimo e disperso,  
O Império por Deus mesmo visto,  
Confuso como o Universo  
E plebeu como Jesus Cristo.  
Não foi nem santo nem herói,  
Mas Deus sagrou com Seu sinal  
Este, cujo coração foi  
Não português, mas Portugal.

### SEGUNDO / *ANTÓNIO VIEIRA*

O céu 'strela o azul e tem grandeza.  
Este, que teve a fama e à glória tem,  
Imperador da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu também.  
No imenso espaço seu de meditar,  
Constelado de forma e de visão,  
Surge, prenúncio claro do luar,  
ElRei D. Sebastião.  
Mas não, não é luar: é luz do etéreo.  
É um dia, e, no céu amplo de desejo,  
A madrugada irreal do Quinto Império  
Doira as margens do Tejo.

### TERCEIRO

'Screvo meu livro à beiramágoa.  
Meu coração não tem que ter.  
Tenho meus olhos quentes de água.  
Só tu, Senhor, me dás viver.  
Só te sentir e te pensar  
Meus dias vácuos enche e doura.  
Mas quando quiserás voltar?  
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Cristo  
De a quem morreu o falso Deus,  
E a despertar do mal que existo  
A Nova Terra e os Novos Céus?  
Quando virás, ó Encoberto,  
Sonho das eras português,  
Tornar-me mais que o sopro incerto  
De um grande anseio que Deus fez?  
Ah, quando quiserás voltando,  
Fazer minha esperança amor?  
Da névoa e da saudade quando?  
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

### III. OS TEMPOS

#### PRIMEIRO / NOITE

A nau de um deles tinha-se perdido  
No mar indefinido.  
O segundo pediu licença ao Rei  
De, na fé e na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.  
Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria por quem dera  
O enigma que fizera.  
Então o terceiro a ElRei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.  
Como a um cativo, o ouvem a passar  
Os servos do solar.  
E, quando o vêem, vêem a figura  
Da febre e da amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.  
Senhor, os dois irmãos do nosso Nome  
- O Poder e o Renome -  
Ambos se foram pelo mar da idade  
À tua eternidade;  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscálos, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
A Deus as mãos alçamos.  
Mas Deus não dá licença que partamos.

#### SEGUNDO / TORMENTA

Que jaz no abismo sob o mar que se ergue?  
Nós, Portugal, o poder ser.  
Que inquietação do fundo nos soergue?  
O desejar poder querer.  
Isto, e o mistério de que a noite é o fausto...  
Mas súbito, onde o vento ruge,  
O relâmpago, farol de Deus, um hausto  
Brilha e o mar 'scuro 'struge.

#### TERCEIRO / CALMA

Que costa é que as ondas contam  
E se não pode encontrar  
Por mais naus que haja no mar?  
O que é que as ondas encontram  
E nunca se vê surgindo?  
Este som de o mar praiar  
Onde é que está existindo?  
Iha próxima e remota,  
Que nos ouvidos persiste,  
Para a vista não existe.  
Que nau, que armada, que frota  
Pode encontrar o caminho  
A praia onde o mar insiste,  
Se à vista o mar é sozinho?  
Haverá rasgões no espaço  
Que dêem para outro lado,  
E que, um deles encontrado,  
Aqui, onde há só sargaço,  
Surja uma ilha velada,  
O país afortunado  
Que guarda o Rei desterrado  
Em sua vida encantada?

#### QUARTO / ANTEMANHA

O mostrengo que está no fim do mar  
Veio das trevas a procurar  
A madrugada do novo dia  
Do novo dia sem acabar  
E disse: Que desvendou o Segundo Mundo  
Nem o Terceiro quer desvendar»  
E o som na treva de ele rodar  
Faz mau o sono, triste o sonhar,  
Rodou e foi-se o mostrengo servo  
Que seu senhor veio aqui buscar.  
Que veio aqui seu senhor chamar -  
Chamar Aquele que está dormindo  
E foi outrora Senhor do Mar.

#### QUINTO / *NEVOEIRO*

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer -  
Brilho sem luz e sem arder,  
Como o que o fogofátuo encerra.  
Ninguém sabe que coisa quer.  
Ninguém conhece que alma tem,  
Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Que ânsia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro.  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...  
É a Hora!

\* \* \* \* \*

## Sobre o autor e sua obra



### **Fernando Antonio Nogueira**

**Pessoa** (1888-1935) nasceu em Lisboa, partindo, após o falecimento do pai e o segundo casamento da mãe, para África do Sul.

Freqüentou várias escolas, recebendo uma educação inglesa. Regressa a Portugal em 1905 fixando-se em Lisboa, onde inicia uma intensa atividade literária.

Simpatizante da Renascença Portuguesa, corta com ela e em 1915, com Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e outros, esforça-se por renovar a literatura portuguesa através da criação da revista Orpheu, veículo de novas idéias e novas estéticas.

Cria vários heterônimos (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, etc.), assinando as suas obras de acordo com a personalidade de cada heterônimo. Colabora em várias revistas, publica em livro os seus poemas escritos em inglês e, em 1934, ganha o concurso literário promovido pelo Secretariado de Propaganda Nacional, categoria B, com a obra Mensagem, que publica no mesmo ano.

Faleceu prematuramente em 1935, deixando grande parte da sua obra ainda inédita. É considerado um dos maiores poetas portugueses.

## **CRONOLOGIA**

### **1888 -**

A 13 de Junho nasce Fernando António Nogueira Pessoa no Largo de São Carlos nº 4, 4º Esq. em Lisboa.

### **1893 -**

Morre com 43 anos o pai de Fernando Pessoa - Joaquim de Seabra Pessoa

### **1895 -**

A mãe de Fernando Pessoa - Maria Madalena Pinheiro Nogueira Pessoa - casa, por procuração, com João Miguel Rosa - cônsul interino em Durban - África do Sul.

A 26 de Julho escreve Fernando Pessoa a sua primeira quadra À minha querida mamã.

**1896 -**

A família parte para Durbam

**1896-1904 -**

Fernando Pessoa faz os seus estudos primários e secundários em Durbam

**1905 -**

Fernando Pessoa regressa sozinho a Lisboa, a bordo do navio alemão Herzog, para se matricular no Curso Superior de Letras que abandona um ano depois.

**1907 -**

Fernando Pessoa funda a Empresa Íbis - Tipografia Editora - Oficinas a Vapor - que durou escassos meses.

**1908 -**

Fernando Pessoa inicia a sua atividade como "correspondente estrangeiro"

**1912 -**

Colabora na revista *A Águia*.

**1913 -**

Conhece Mário de Sá-Carneiro e José de Almada Negreiros.

Escreve a poesia *Pauis*.

**1914 -**

Primeiros poemas dos seus heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

**1915 -**

Publicação dos dois números da revista Orpheu.

**1916 -**

Mário de Sá Carneiro suicida-se em Paris.

**1917 -**

É publicado o único número da revista Portugal Futurista.

**1920 -**

Conhece Ofélia a quem são destinadas as suas "*Cartas de Amor*".

**1921 -**

Início da publicação da revista Contemporânea onde Fernando Pessoa colabora.

**1924-1925 -**

Publicação dos cinco números da revista Athena dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz.

**1927 -**

Em Coimbra inicia-se a publicação da revista Presença onde Fernando Pessoa colaborará.

**1932 -**

Requer, em concurso documental, o lugar de conservador-bibliotecário do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em Cascais, no qual não foi provido.

**1934 -**

Publicação da *Mensagem*.

A 31 de Dezembro a Mensagem recebe o prêmio da Secretaria da Propaganda Nacional.

**1935 -**

A 30 de Novembro Fernando Pessoa morre no Hospital de S. Luís dos Franceses onde tinha sido internado na véspera com uma cólica hepática.

**Nota auto-biográfica de Fernando Pessoa**

*Nota biográfica escrita por Fernando Pessoa em 30 de Março de 1935 e publicada, em parte, como introdução ao poema editado pela Editorial Império em 1940 e intitulado: "À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais"*

**Nome completo:** Fernando António Nogueira Pessoa.

**Idade e naturalidade:** Nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio n.º 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Diretório) em 13 de Junho de 1888.



**Filiação:** Filho legítimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do general Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do conselheiro Luís António Nogueira, jurisconsulto e que foi Diretor-Geral do Ministério do Reino, e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral: misto de fidalgos e judeus.

**Estado:** Solteiro.

**Profissão:** A designação mais própria será "tradutor", a mais exata a de "correspondente estrangeiro em casas comerciais". O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.

**Morada:** Rua Coelho da Rocha, 16, 1º. Dto. Lisboa. (Endereço postal - Caixa Postal 147, Lisboa ).

**Funções sociais que tem desempenhado:** Se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque, nenhuma.

**Obras que tem publicado:** A obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por várias revistas e publicações ocasionais. O que, de livros ou folhetos, considera como válido, é o seguinte: "35 Sonnets" (em inglês), 1918; "English Poems I-II" e "English Poems III" (em inglês também), 1922, e o livro "Mensagem", 1934, premiado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, na categoria "Poema". O folheto "O Interregno", publicado em 1928, e constituído por uma defesa da Ditadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito.

**Educação:** Em virtude de falecido seu pai em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas núpcias, com o Comandante João Miguel Rosa, Cônsul de Portugal em Durban, Natal, foi ali educado. Ganhou o prêmio Rainha Vitória de estilo inglês na Universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admissão, aos 15 anos.

**Ideologia Política:** Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberdade dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reacionário.

**Posição religiosa:** Cristão gnóstico e portanto inteiramente oposto a todas

as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria.

**Posição iniciática:** Iniciado, por comunicação direta de Mestre a Discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal.

**Posição patriótica:** Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda a infiltração católico-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema: "Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação".

**Posição social:** Anticomunista e anti-socialista. O mais deduz-se do que vai dito acima.

**Resumo de estas últimas considerações:** Ter sempre na memória o mártir Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos - a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

*Lisboa, 30 de Março de 1935*